

Saúde localiza "barbeiros" em casa no Guarujá

Da Sucursal e do
correspondente

O Centro de Saúde do Guarujá localizou diversos "barbeiros" — inseto que pode transmitir o mal de Chagas — na casa de uma família procedente de Minas Gerais e que está residindo em Vila Cachoeirinha, nesse município.

Os insetos foram enviados à Divisão Regional de Saúde do Estado, que os encaminhou à Sucem — Superintendência de Controle de Endemias, em São Paulo, a qual deverá apurar se as amostras estão infectadas pelo agente causador da doença.

Os "barbeiros" foram encontrados no início desta semana, mas o fato foi mantido em segredo, pois — segundo o médico Paulo Pinto — "ainda não há indícios de que a família esteja doente".

"Acredito — acrescentou — que os insetos tenham vindo em malas ou roupas, durante a mudança de Minas para o Guarujá, mas não posso adiantar se estão infectados ou não".

Recusando-se a fornecer mais pormenores sobre o fato, o médico afirmou que, "se os exames apresentarem resultado positivo, todos os detalhes serão divulgados". Até agora nunca foram diagnosticados casos do mal de Chagas no Guarujá.

NO MARANHÃO

O médico e deputado José Brandão sugeriu em São Luís, a criação de um serviço permanente de dedetização dos veículos nas divisas estaduais, como forma de impedir que o inseto transmissor da doença de Chagas seja transportado de um Estado para outro. As autoridades médicas do Maranhão, um Estado que, até há pouco tempo, não tinha problemas com a doença de Chagas, acreditam que o agente transmissor — o "barbeiro" (triatomídeo) — tenha sido trazido de outras regiões alojado nas frestas das carrocerias ou das embalagens dos caminhões.

Segundo o superintendente regional da Sucem, Geraldo Martins, o "barbeiro" se aloja nas frestas das carrocerias quando os caminhões pernoitam em algumas cidades onde

a ocorrência da doença é frequente. "Os passageiros do caminhão, que foram, durante à noite, picados pelo inseto, tornam-se hospedeiros da doença que, em seguida, é transmitida a outro triatomídeo. Dessa maneira, forma-se a cadeia de contaminação: o inseto transmissor contamina o homem ou um animal, que o transmite para outro inseto ainda não contaminado", explicou.

Além disso, segundo o médico José Brandão, em cidades como São Luís, "sem saneamento básico, suja, onde chegam diariamente dezenas de caminhões", o ambiente é muito favorável para a propagação do inseto, "que é trazido de fora".

A convicção das autoridades nesse aspecto deve-se ao fato de que os casos identificados pela Sucem ocorreram justamente em áreas de grande movimentação de transportes — principalmente caminhões — inter-estaduais: Mirador e Imperatriz, na beira da estrada, e Paço do Lumiar e Ribamar, nos arredores de São Luís, onde, geralmente, ficam estacionados os caminhões que chegam à cidade.

Uma pesquisa realizada por estudantes de Medicina já revelou a existência de "barbeiros" na carroceria de um caminhão, mas ainda não está comprovada a procedência dos insetos. O médico José Brandão acredita que esse é apenas um dos meios para a introdução de algumas doenças que, até há pouco tempo, não existiam no Estado ou que apresentavam uma incidência muito reduzida. Um exemplo disso é a ocorrência cada vez maior da esquistossomose na área de confluência das rodovias Pará-Maranhão (BR-316) e Belém-Brasília, "trazida por migrantes nordestinos que engrossam as frentes pioneiras que se deslocam com destino à Amazônia", segundo o médico.

Para José Brandão, as autoridades sanitárias deveriam passar a exercer um controle rígido no deslocamento das correntes migratórias, evitando, dessa maneira, a possibilidade de ocorrência de surtos epidêmicos, como ocorreu, em junho último, na localidade de Paruá, às margens da rodovia Pará-Maranhão. Nessa área, um surto de meningite meningocócica, trazida por um migrante, matou pelo menos 40 colonos.